

12 MAI 1970 D.F.

Ceilândia

Administradora culpa a imprensa pela má fama da Ceilândia

A administradora da Ceilândia, Maria de Lourdes Abadia, acusou a imprensa brasileira de ter gerado uma falsa imagem daquela cidade-satélite, fazendo com que a sua população se sentisse envergonhada de morar no local.

— Os jornais só publicavam sobre a Ceilândia a parte policial, por isso resolvemos mostrar o lado artístico-cultural da cidade — disse Abadia ao falar do «Desenvolvimento de Comunidade na Administração Pública - o Caso de Ceilândia», tema discutido na Semana do Assistente Social que está sendo realizada em Brasília. A semana é uma promoção do Conselho Regional de Assistentes Sociais e Fundação do Serviço Social do Distrito Federal.

Segundo Abadia, Ceilândia foi planejada para receber os favelados do Distrito Federal, com um projeto urbanístico considerado tão perfeito quanto o do Plano Piloto. Apesar da população ter se deslocado para lá em 1971 e a água só ter chegado em 75, para a administradora o que se deu foi a não-execução do projeto na época prevista. Desde essa época, disse, «Ceilândia foi então caracterizada como uma cidade problema do Distrito Federal». Além dos problemas de infra-estrutura, outros como a baixa renda da população, o desemprego e o subemprego e a adaptação da população a uma vida urbana, vieram aumentar as questões que devem ser tratadas pela administração num plano prioritário.

TRABALHAR PARA O GOVERNO

Foram elaborados dois projetos sociais para a Ceilândia, o primeiro deles visa criar uma infra-estrutura básica e para tanto foi destinada uma verba de 748 milhões de cruzeiros. Esta verba, no entanto, sofreu uma desvalorização pelo tempo decorrido da sua elaboração até agora, sendo equivalente atualmente a pouco mais de 400 milhões. O segundo projeto — Promoção Social e Humana da Ceilândia — tem como objetivo principal a preparação da comunidade para receber essas medidas de infra-estrutura.

«Com a redução das verbas, tivemos que fazer uma escolha entre os problemas de maior urgência. A saúde da população era um caso grave, por isso optamos pela rede de esgotos, a fim de acabar com as fossas negras».

Dizendo que em 1974 a população da Ceilândia chegou a pagar Cr\$40,00 por uma lata de água, a administradora lembrou que a falta de água na Ceilândia constituía uma medida emergencial e dados os poucos recursos de que dispunha era necessário que a comunidade se mobilizasse. Segundo ela, a Caesb havia calculado um gasto de 25 milhões de cruzeiros para cada torneira de água. «Foi aí que resolvemos entrar com um Serviço Social Comunitário, e conseguimos fazer 10.055 ligações sem que o Governo gastasse um cruzeiro».

Essa experiência de obter serviços gratuitos da comunidade animou a Administração Regional da Ceilândia para construir a «Feira Livre», uma velha reivindicação da população. De acordo com Maria de Lourdes, o projeto da feira foi orçado em 3 milhões e 600 mil cruzeiros. Mas gastaram apenas 345 mil cruzeiros, com a ajuda dos feirantes, e puderam construir a Feira da Ceilândia, que, segundo ela, constitui mostra de que a «comunidade trabalhou para o Governo».

A PROPOSIÇÃO DA FSS

Após fala da administradora da Ceilândia, que é assistente social, algumas perguntas foram feitas pelos participantes da «Semana do Assistente Social» que deverá se prolongar até a próxima sexta-feira no auditório do Sesc, na Av. W-4 Sul, entre quadras 713/913. Mas os debates não conseguiram dar maiores contribuições para soluções dos problemas.

Outro tema foi apresentado pela assistente social Tereza Avila, chefe da Assessoria de Planejamento da Fundação do Serviço Social. O tema da palestra foi o «Desenvolvimento de Comunidade, Uma proposta da FSS», onde a conferencista falou ser do objetivo geral dessa proposta intervir no processo de relacionamento da família com seu meio social, tendo em vista o desenvolvimento da comunidade e do objetivo específico, educar socialmente os indivíduos para que adquiram uma postura crítica e reflexiva diante das condições atuais, para que criem formas de ação que concretizem seus interesses.

A TROCA DE IDEIAS

Para os assistentes sociais presentes ao encontro, esse tipo de evento é imprescindível como uma forma de debates e troca de idéias. No dizer de uma delas, «isso não é bom apenas para os assistentes sociais. É bom para a comunidade, pois nessas horas os técnicos se encontram e muita coisa acontece em termos de cooperação». Para outras, o contato pessoal que se verifica nessa ocasião, facilita as transações institucionais, pois, em suas opiniões os aparatos burocráticos mais afastam que coordenam. Lembraram também que o encontro não deve ficar apenas na «festividade», e sim que da sua realização se chegue realmente a soluções concretas no campo do Serviço Social.